

No tocante aos estudos pré-históricos, e aos estudos do quaternário em geral, as regiões semi-áridas do Norte da África são melhor conhecidas que as áreas úmidas e florestadas. Considerando a presença das oscilações climáticas quaternárias, julgamos que elas sejam as principais responsáveis pelas migrações das faunas, floras e homens. Pensamos que o desaparecimento de determinadas culturas líticas, em certo lugar, pôde ocorrer devido às oscilações climáticas. A migração humana tinha chance de movimentar-se de acordo com as alterações ambientais, ocasionando a possibilidade de encontrarmos culturas semelhantes em espaços e tempos diferentes. Todavia, a paleogeografia quaternária ainda sente falta de dados para elucidar todas essas variações.

Ao consultar o *Atlas of African Prehistory* podemos lamentar a pequena escala adotada nos mapas e *overlays*. Todavia, comprehende-se perfeitamente tal procedimento dos autores responsáveis, na tentativa de fornecer um quadro geral e homogêneo da Pré-história africana. O objetivo foi alcançado com amplos méritos, servindo como documentação básica para o estudo do Quaternário africano. Por último, não poderíamos deixar de consignar os devidos elogios à perfeita apresentação gráfica elaborada pela *University of Chicago Press*.

ANTÔNIO CHRISTOFOLETTI

\* \* \*

CARR (E.H.). — *What is History?* Penguin Books Ltd., Harmondsworth, Middlesex, 1964, 150 p.

Autor de muitos trabalhos sobre história, inclusive a *History of Russia*, em três volumes, E. H. Carr, de Trinity College, Cambridge, define a função da História e do historiador numa série de palestras proferidas na Universidade de Cambridge.

A resposta à pergunta “O que é a história?” não é simples, “porque reflete, consciente ou inconscientemente nossa posição no tempo e faz parte da nossa resposta à questão mais ampla de qual a visão que temos da sociedade em que vivemos” (p. 8).

Como é que o historiador escolhe seus fatos? Nossa visão da Grécia antiga é completa? No primeiro capítulo, *The Historian and his Facts*, Carr tenta responder estas e outras perguntas através do tema central do trabalho: “a história é o estudo do passado a fim de melhor entender o presente, e é também o estudo do presente a fim de melhor compreender o passado.” Segundo Carr, êsses “estudos” têm a função de fornecer linhas de ação para o futuro. Nesta perspectiva, o historiador escolhe seus fatos num diálogo sem fim entre ele mesmo e seus fatos.

No segundo capítulo, o autor continua com êsse mesmo pensamento central, porém analisando-o em relação à “sociedade e o indivíduo”. O homem é moldado pela sociedade e ajuda a moldar a sociedade. O homem é necessariamente uma parte da sociedade; a idéia de que alguns protestam contra a sociedade é falsa — o protesto é contra certos grupos dentro da sociedade. Carr também declara que a história não é feita por homens famosos.

"The great man of the age is the one who can put into words the will of his age, tell his age with its will is, and accomplish it. What he does is the heart and essence of his age; he actualizes his age" (p. 54).

O autor considera êste último ponto importante porque implica que o historiador deve estudar a sociedade, e através dêste tipo de estudo, melhor entender as ações dos indivíduos. Estudar só os homens de destaque e não suas sociedades não é estudar história.

No capítulo *History, Science and Morality* Carr cita cinco argumentos por parte de cientistas, que afirmam não ser a história uma ciência. Os argumentos são os seguintes: (1) a história trata exclusivamente o singular, mas a ciência o geral; (2) a história não ensina lições; (3) a história é incapaz de prever; (4) a história é necessariamente subjetiva, por ser o homem o objeto de observação; (5) a história, ao contrário da ciência, se envolve em assuntos de religião e moralidade. (p. 62). Além de mostrar que essas objeções não têm fundamento, o autor também demonstra que o papel da história como ciência é muito mal entendido atualmente.

*Causation in History* é um outro capítulo que vale salientar, sendo que Carr considera o estudo de história como realmente um estudo de causas. A pesquisa histórica deve ser feita em função da pergunta "porque"? O autor trata dos tópicos contravertidos de determinismo e livre arbítrio, responsabilidade moral e causa, mas sempre à luz da pesquisa histórica. História "por acaso", e o "inevitável" também são assuntos que Carr desenvolve nesse capítulo, a multiplicidade de causas sendo um fator que necessariamente deva entrar na discussão.

"But the historian, in virtue of his urge to understand the past, is simultaneously compelled, like the scientist, to simplify of his answers, to subordinate one answer to another, and to introduce some order and unity into the chaos of happenings and the chaos of specific causes" (p. 91).

A duas citações a seguir resumem bem o tema central de *What is History?*

"The past is intelligible to us only in the light of the present; and we can fully understand the present only in the light of the past. To enable man to understand the society of the past, and to increase his mastery over the society of the present, is the dual function of history" (p. 55).

"Only the future can provide the key to the interpretation of the past; and it is only in this sense that we can speak of an ultimate objectivity in history. It is at once the justification and the explanation of history that the past throws light on the future, and the future throws light on the past" (p. 123).

VICTOR VALLA

\* \* \*  
\*

COX (Harvey G.). — *On Not Leaving It to the Snake*, The Macmillan Company, New York, 1967.

Atualmente, Harvey Gallagher Cox Jr., é professor associado da cadeira de "Igreja e Sociedade" na *Divinity School* da Universidade de Harvard. E', também,